

APRESENTAÇÃO

Nylcéa Thereza DE SIQUEIRA PEDRA

Universidade Federal do Paraná

npedra@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1088-4260>

No ano de 2020, no mundo soou o aviso de que o modo de vida que estamos levando já não pode existir sem um custo inestimável. Jung chamaria de sincronicidade o fato de que, neste mesmo ano, discentes e docentes do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná estivessem preparando este dossiê intitulado “Estudos decoloniais em tradução”. Nele, estão reunidas as traduções de quinze artigos de temática decolonial, alguns escritos pelos precursores do grupo de estudos modernidade/colonialidade; outros, pelos que seguiram seu legado. Ainda que apresentando temáticas distintas, o chamado original do grupo continua valendo: é preciso rever o nosso lugar no mundo, é preciso encarar o que a modernidade impôs como verdade e é preciso procurar outras margens, novas fronteiras.

O convite a um novo olhar, a colocar o Sul no centro global, já se encontra na ilustração que abre este dossiê, de autoria de Letícia Pilger, artista plástica e discente da pós-graduação do curso de Letras. Na composição feita pela artista, é possível observar, de um lado, o amor que emana em ecos, saindo do continente, como marca de uma enunciação que se faz a partir de um lócus e, de outro, textos em diversas línguas, para representar o pensamento decolonial e a sua teorização.

Os três artigos de abertura do dossiê são de autoria dos inauguradores dos estudos decoloniais: Ramón Grosfoguel, Walter D. Mignolo e Catherine Walsh. Partindo da premissa de que discutir a relação entre modernidade e capitalismo é um dos assuntos fundamentais para o debate político contemporâneo, Grosfoguel apresenta, em “A complexa relação entre modernidade e capitalismo: uma visão descolonial” um panorama sobre como a modernidade faz parte do projeto civilizatório capitalista, bem como as maneiras para superar essa relação que dá origem a tantas desigualdades e opressões. Trata-se de um texto introdutório, fundamental para entender o pensamento decolonial e a rede de estudos modernidade/colonialidade.

Em “Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial”, Walter Mignolo expõe as nem sempre sutis relações de poder colonial/imperial presentes no âmbito acadêmico, além das consequências da persistência tardia da influência europeia nas pesquisas e projetos dos países do Terceiro Mundo. Explora também teorias de opções decoloniais e descolonializantes desenvolvidas por estudiosos não brancos e extrapola suas conclusões, finalizando o artigo ao entrelaçar as teorias citadas com seu próprio parecer sobre a produção do conhecimento em países previamente colonizados.

Por sua vez, Catherine Walsh, em “‘Outros’ saberes, ‘outras’ críticas: reflexões sobre as políticas e práticas de filosofia e decolonialidade na ‘outra’ América”, debate a ordenação geopolítica do pensamento crítico, apontando para o projeto epistêmico que a modernidade e a sua outra face, a colonialidade, também possuem. Com isso, evidencia outros modos de pensar que foram e continuam sendo subalternizados pela modernidade/colonialidade.

Entendendo a linguagem como reafirmação de pertença a um lugar no mundo, mas também como instrumento de poder (e conseqüentemente de dominação), os três artigos seguintes apresentam como tema central a linguagem como artifício de colonização e a importância de se rever o modo como se opera a educação em busca de uma Pedagogia decolonial que inclua os subalternizados. Assim, em “Sobre a colonialidade da linguagem”, Gabriela Veronelli analisa as relações linguísticas de poder, e destaca o processo de desumanização das populações colonizadas por meio da linguagem. Esse processo começa na conquista da América e se perpetua até a atualidade. A autora se une à nova geração de pesquisadores decoloniais e introduz conceitos inéditos, criando termos como *monolinguajar* para explicar o fenômeno linguístico que coloca as gentes nativas em um lugar inferior e que encobre a opressão colonial da linguagem.

Noah de Lissovoy e Raúl Olmo Fregoso Bailón tratam em “Colonialidade: dimensões-chave e implicações críticas” dos principais aspectos da colonialidade e de suas implicações para a teoria educacional. Na primeira parte, os autores abordam a definição, as origens, as características e as consequências desse conceito, além de proporem a transcolonialidade como uma solução para os danos da questão colonial. Em seguida, demonstram como um deslocamento epistemológico pautado na decolonialidade questiona a tradição intelectual Ocidental e influencia a Educação, sobretudo a Teoria Crítica e a Pedagogia.

Alexander Ortiz Ocaña, María Isabel Arias López e Zaira Esther Pedroso Conedo aprofundam a questão educativa e nos propõem alguns caminhos “Rumo a uma pedagogia decolonial no/do Sul global”. O convite para decolonizar o ensino parte da reflexão de

teorias propostas por outros pensadores, como Paulo Freire e a pedagogia do oprimido. Para os autores, a principal característica da pedagogia decolonial é o deslocamento da importância dos papéis. Os alunos e as suas vivências recebem o protagonismo que não têm em outras abordagens pedagógicas e a partir deles se constrói o conhecimento.

Os cinco artigos seguintes são de estudiosos que seguem a linha dos estudos decoloniais em diferentes lugares do mundo, evidenciando como as discussões a respeito do giro decolonial ganham cada vez mais importância no meio acadêmico. Claude Bourguignon Rougier e Philippe Colin, em “Do universal ao pluriversal: questões e desafios do paradigma decolonial”, destacam que é necessário reconhecer o impacto que o processo colonizador europeu causou em diversas partes do globo, afetando não somente as relações de produção, mas a vida social e a maneira como o conhecimento é produzido. Defendem, portanto, considerar as histórias locais para, com isso, reavaliar a perspectiva utilizada na produção do conhecimento.

Partindo da noção de colonialidade do saber, Eduardo Restreppo em “Descentrando a Europa: contribuições da teoria pós-colonial e do giro decolonial ao conhecimento situado” denuncia a falácia da neutralidade, objetividade e universalidade do conhecimento, característica do paradigma eurocêntrico moderno. Assim, junto a reflexões realizadas pelos estudos decoloniais, expõe a necessidade de descentralizar o pensamento ocidental europeu, aprofundando a compreensão do conhecimento próprio.

Em “Decolonização, Sul global e colonialidade do poder”, Marina de Chiara revisita os principais conceitos advindos de perspectivas críticas sobre a modernidade e sobre a colonialidade do poder, úteis para se pensar a oposição epistemológica entre Norte e Sul do mundo, fratura que atua inclusive no corpo das nações, a exemplo do que ocorre hoje na Itália, desde onde escreve a autora.

Para Leandro Salamanca López, desde o processo de colonização, a América Latina tem sofrido a imposição de uma forma de poder, saber e ser. Neste contexto, o seu artigo “Bem viver, decolonialidade e bioética: discussões, contribuições e articulações” apresenta o que o autor entende por colonialidade do poder, do saber e do ser; as críticas ao modelo do projeto colonialidade/modernidade; e como o projeto decolonial, a proposta do bem viver e a bioética podem contribuir para a resolução de problemas atuais advindos do projeto da modernidade.

O artigo mais atual deste dossiê, “A ‘resistência anormal’ da África frente ao vírus da Covid-19: esboço de uma análise de uma colonialidade do poder sobre a vida na África”, escrito por Paul Mvengou Cruzmerino, procura analisar um discurso velado de cunho colonialista existente no poder e nas mídias europeias ao perceberem a não

concretização da catástrofe sanitária que haviam imaginado para a África em relação à evolução da pandemia de Covid-19. Aponta também para o olhar colonialista que se mantém para a África, revelando o intuito da realização de testagens no continente africano, prática comum na época colonial.

Apresentamos, ainda, quatro artigos cuja temática central versa sobre o feminismo decolonial, discussão que vem ganhando fôlego nos últimos anos. María Luisa Femenías apresenta em “O feminismo latino-americano, cartografia preliminar” um panorama dos feminismos latino-americanos pensando a sua genealogia e a tradução/transformação das teorias feministas, assim como as convergências das análises feministas latino-americanas sobre o fazer/ser feminista no nosso continente. Para isso, ela dialoga com a fronteira de Gloria Anzaldúa, a leitura do feminicídio na América Latina como sistema de comunicação de Rita Segato, o trabalho de Sonia Montecino com a figura do *huacho* (órfão) e as consequentes masculinidades exacerbadas, e a denúncia de Marie Ramos Rosado do racismo e da ausência do reconhecimento das contribuições negras na formação cultural da América Latina e do Caribe.

Intitulado “Ao feminismo decolonial na América Latina”, o artigo de Ana Marcela Montanaro Mena questiona o papel e a postura de feministas “privilegiadas”, que seriam aquelas que não se encontram em países denominados do Terceiro Mundo. A partir de uma perspectiva hispânica e decolonial, a autora visa discutir a inserção das latino-americanas na luta pelos direitos das mulheres. São apresentados no escrito vários exemplos de mulheres latino-americanas que por vezes são esquecidas em estudos feministas.

Para finalizar o dossiê, nos permitimos fazer um experimento tradutório. O leitor vai encontrar o artigo “Colonialidade de gênero e poder: da pós-colonialidade à decolonialidade”, de Breny Mendoza, em tradução do original em língua inglesa e em tradução da autotradução publicada em espanhol anos depois. Com um mesmo cerne, mas fundamentos que se complementam, o(s) artigo(s) explora(m) as formas como o conceito de gênero está relacionado aos projetos de colonização. Traçando as origens históricas do feminismo decolonial e o contextualizando em relação a outras vertentes feministas e escolas de pensamento decoloniais, Mendoza apresenta um panorama completo que ilustra, por meio das principais teorias sobre o tema, como o gênero foi e continua sendo essencial às hierarquias da colonialidade. A dupla tradução também revela o caráter marginal e fronteiro do exercício tradutório. Nestes dois textos, é possível observar como as traduções aproximam-se e distanciam-se parágrafo a parágrafo, e como os feminismos decoloniais vão se construindo entre o Norte e o Sul global tomando novas formas agora em língua portuguesa.

Esperamos que com estas leituras, os que delas se aproximem aceitem o convite do poeta Manuel de Barros e se disponham a transver o mundo.